



Seção Especial: memórias, dedicatórias e reconhecimentos

## **A pesquisa no PPGE/FaE: entrevista com Eliane Peres**

Eliane Peres  
Vania Grim Thies  
Lisiane Sias Manke



No ano em que celebramos os 50 anos da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, homenageamos a atuação de pessoas que tiveram importante participação em seus cursos de graduação e pós-graduação ao longo do tempo. Para tanto, entrevistamos a professora, pesquisadora Dra. Eliane Peres, que ofereceu especial contribuição ao Programa de Pós-Graduação em Educação.

A profa. Eliane é reconhecida internacionalmente por suas produções no campo da História da Educação, História da Alfabetização e das práticas e aprendizagens da leitura e da escrita. Em sua atuação no PPGE, orientou 29 dissertações de Mestrado, 15 teses de Doutorado, estágio Pós-Doutoral, artigos de Especialização, trabalhos de Conclusão de Curso e muitas pesquisas de Iniciação Científica, além de coordenar projetos de extensão e de ensino. Guiada pelos livros, pelas leituras e pelas bibliotecas, dos quais fez seu lar, publicou quatro livros autorais e organizou tantos outros, também escreveu e publicou importantes artigos em revistas científicas. Contudo, dentre sua

vasta produção acadêmica, o maior orgulho é o Hisales<sup>1</sup>, ao que afirmou em seu memorial acadêmico de defesa para progressão da carreira de professora titular como “aquilo que considero o meu maior legado profissional”<sup>2</sup>, o que reafirmou nesta entrevista. O grupo de pesquisa Hisales, criado em 2006, desde 2017, tornou-se também um Centro de memória e pesquisa ampliando as atividades de ensino, pesquisa e extensão, constituído de acervos relevantes para a manutenção da história e da memória da Educação.

Com uma família universitária ativa, Eliane viajou para vários lugares do mundo, primeiro para Portugal, em 1999, onde realizou seu doutorado-sanduíche (como bolsista CAPES), mas depois, em especial, para os Estados Unidos para o Pós-doutorado na University of Illinois at Urbana-Champaign (também como bolsista da CAPES) e, posteriormente, como professora visitante na University of Texas at San Antonio, na condição de bolsista da Fulbright. Nesta entrevista, fala sobre as experiências vivenciadas ainda como estudante de Pós-Graduação, na UFRGS e na UFMG, evidenciando a origem e a motivação por determinadas temáticas de pesquisa, além de refletir sobre as contribuições teóricas e metodológicas que o avanço de suas pesquisas oferece, por exemplo, quando se refere a uma mudança de perspectiva, que vai de uma história da alfabetização para uma alfabetização na história. Assim, o conteúdo da entrevista possibilita conhecer os caminhos trilhados por Eliane e os modos pelos quais construiu sua trajetória acadêmica, indicando, ainda, a relevância de suas pesquisas e orientações no âmbito do PPGE.

Convidamos à leitura!

---

<sup>1</sup> O Hisales (História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares) é um centro de memória e pesquisa, constituído como órgão complementar da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPe), que contempla ações de ensino, pesquisa e extensão. O Hisales é também um grupo de pesquisa cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq desde 2006. Está localizado no *Campus* II do Instituto de Ciências Humanas da UFPe, na Rua Almirante Barroso, 1202 – Sala 101 H, CEP 96.010-280 – Pelotas/RS. Mais informações sobre os acervos e as ações de ensino, pesquisa e extensão podem ser conferidas via internet, no site [www.ufpel.edu.br/fae/hisales/](http://www.ufpel.edu.br/fae/hisales/), nas redes sociais *Facebook* e *Instagram* (@hisales.ufpel) e pelo e-mail [grupohisales@gmail.com](mailto:grupohisales@gmail.com).

<sup>2</sup> PERES, Eliane. **Uma vida vivida, uma vida guardada, uma vida pensada**. 2017. Memorial acadêmico. (Faculdade de Educação). Universidade Federal de Pelotas.

**Vania Grim Thies:** Em 2026, a Faculdade de Educação comemora seu jubileu de ouro. Em 2024, o PPGE/FaE comemorou seus 30 anos de existência, Programa em que você atuou intensamente. Você poderia começar narrando sobre a sua trajetória acadêmica como docente na pós-graduação, e o quanto a atuação no PPGE/FaE possibilitou, ou não, o entrecruzamento de projetos de pesquisa, ensino e extensão?

**Eliane Peres:** Quando o programa de Pós-Graduação foi criado, em 1994, eu estava terminando o mestrado em Educação na UFRGS, imediatamente fui para o doutorado na UFMG, em 1997, logo depois que concluí o mestrado em 1995. Defendi o doutoramento em Educação em 2000. Então, em 2001 eu retornei para Pelotas, retornei para a FAE, e imediatamente comecei a atuar no programa de Pós-Graduação. Considero que talvez eu seja de uma segunda geração de professores e professoras do programa de Pós-Graduação em Educação, porque ele já existia desde 1994. Um grupo de professores e professoras – que foram lembrados na comemoração dos 30 anos, deram início ao PPGE, junto com a UFRGS, como é conhecida a história do Programa de Pós-Graduação em Educação. Eu voltei do doutorado então em 2001, e era um pouco diferente do que é hoje, ainda sem credenciamento, nós concluíamos o doutorado e já imediatamente começávamos a atuar. Eu iniciei em uma frente de trabalho que tem sido muito importante no programa de Pós-Graduação, que é a disciplina História das Ideias Pedagógicas. Estava à frente dessa disciplina, na época, o professor Gomercindo Ghiggi, e um grupo de colegas. Eu comecei a atuar nesta disciplina e na já existente linha de História da Educação, depois, em 2009, em um movimento histórico importante, reunimos um grupo de professoras e criamos a linha Cultura Escrita, Linguagem e Aprendizagens<sup>3</sup>, em que orientamos pesquisas específicas sobre os temas que o nome da Linha indica.

Na disciplina História das Ideias Pedagógicas, - que eu tenho uma boa e importante lembrança – além de organizar os seminários junto com o professor Gomercindo, vários pesquisadores e pesquisadoras eram convidados para falar de diferentes autores e tendências pedagógicas. Eu me ocupava,

---

<sup>3</sup> A Linha 2 - Cultura Escrita, Linguagem e Aprendizagens – foi criada em 2009. Atualmente a Linha (2) chama-se: Narrativas (Auto)Biográficas, Cultura Escrita, Linguagem e Inclusão.

fundamentalmente, de duas temáticas: uma era discutir a obra Didática Magna do Comenius, que considero uma obra fundante na pedagogia moderna e muito importante no programa de Pós-Graduação em Educação, especialmente em um programa que é aberto a outras áreas do conhecimento, que as pessoas vêm com diferentes formações. Era uma disciplina bastante procurada e consolidada no conjunto das ofertas das disciplinas. Muitos estudantes procuravam essa disciplina. Em um dos seminários eu apresentava e discutia a importância dessa obra e do pensamento do Comenius, como fundamento da pedagogia moderna. Outro seminário que eu me ocupava também era sobre a Escola Nova, especialmente o pensamento de Adolfo Ferrière, porque eu vinha de um doutorado em que eu tinha pesquisado e estudado sobre a implantação da escola graduada no Rio Grande do Sul e a divulgação do Movimento Renovador no estado gaúcho. Em função disso e em razão de ter feito o doutorado sanduíche com o professor António Nóvoa, em Portugal, cujo tema da Escola Nova sempre foi um aspecto que ele discutiu, na sua trajetória como historiador da educação e como comparatista, eu tinha feito um estudo, eu diria assim, bastante aprofundado no pensamento de Adolfo Ferrière e um dos seminários em que atuei, durante alguns semestres, foi sobre o pensamento escolanovista, como eu disse, focando especialmente o pensamento de Ferrière e da Escola de Genebra.

Na linha de História da Educação e nas pesquisas iniciais, eu trazia uma discussão que era, primeiro, do meu mestrado, que foi uma verdadeira escola de formação para mim, o mestrado em Educação na UFRGS, no campo da educação e das relações de gênero, com a professora Guacira Lopes Louro, da qual fui orientanda. Então, eu trouxe esse tema para o campo da História da Educação e para a linha de História da Educação. Minhas primeiras orientações foram nessa direção, estudos sobre escolas femininas, escolas de formação docente, trajetórias e histórias de vidas de professoras, história das instituições educativas. A minha primeira orientanda, a professora Regina Quintanilha, que já não está mais entre nós, de Bagé, era professora da URCAMP, trabalhou com a Escola Espírito Santo, de Bagé, que é uma escola importante até hoje e que foi importante na formação de professores na história da educação bajeense. Eu comecei orientando nesses temas, e digamos, temáticas mais gerais, da História da Educação: a história da profissão

docente, das escolas normais, das instituições escolares, da educação feminina em Pelotas. Mas a minha formação e experiência no doutorado em Educação da UFMG, também me colocou no centro dos estudos e das discussões da história da leitura e na inicial discussão da história da cultura escrita. Nesse contexto da pesquisa, final dos anos 90 e início dos anos 2000, começava a se configurar com mais vigor o campo da história da alfabetização no Brasil. Inseri-me nesse campo de investigação, especialmente em razão de um projeto interinstitucional que propomos, diferentes colegas de doutorado, para fazer justamente uma análise comparativa da história da alfabetização, enfatizando especialmente a produção e a circulação de cartilhas escolares, em diferentes estados brasileiros. Sob a coordenação da professora Isabel Frade, da UFMG, e da professora Francisca Maciel, também da UFMG, junto com a professora Cancionila Cardoso e Nancy Barros, da UFMT, hoje UFR, Universidade Federal de Rondonópolis, e eu aqui em Pelotas, propomos esse projeto, que se chamava “Cartilhas Escolares: ideários, práticas pedagógicas e editoriais – construção de repertórios analíticos e de conhecimento sobre a história da alfabetização e das cartilhas (MG/RS/MT, 1870-1996)”. Todas, em seus processos de formação, tinham, de alguma forma, vínculo com a alfabetização e a história da alfabetização. O nosso propósito era fazer o mapeamento da circulação das cartilhas nesses três estados: Minas Gerais, Mato Grosso e Rio Grande do Sul. Depois, outras instituições e outras colegas se somaram ao projeto, como a Universidade Federal de Espírito Santo, a professora Cleonara Schwartz, e a Universidade Federal Fluminense, com a professora Cecília Goulart. Esse grupo de pesquisadoras, de diferentes instituições, propôs o projeto e eu comecei a trabalhar especificamente nessa frente, que era a história da alfabetização em uma perspectiva bastante específica, ou seja, a história da alfabetização escolar, porque era justamente investigar a produção, a circulação e o uso de cartilhas escolares no espaço da escola do final século XIX e do século XX. Muitas produções científicas resultaram desse projeto de pesquisa: seminários, comunicações em eventos científicos, artigos em revistas e livros<sup>4</sup>. Em razão desse projeto – que foi muito

---

<sup>4</sup> Algumas das produções decorrentes deste projeto estão nos livros:

importante para o campo da história da alfabetização no Brasil, e foi muito importante para o programa de Pós-Graduação da UFPel e também para a minha própria trajetória –, é que eu comecei a ter um interesse muito específico, voltado mais para esse campo da história da alfabetização e, digamos assim, esses temas correlatos, que é justamente a história da leitura, a história da escrita, a história da cultura escrita. Talvez mais de vinte anos depois (o projeto de pesquisa teve início em 2001), eu faça um retrocesso disso, e chamo a atenção para um aspecto que é justamente dizer que, se nós fizemos uma história da alfabetização durante muito tempo no Brasil, e aqui em Pelotas, com pesquisas realizadas no programa de Pós-Graduação, voltado para as questões do ensino inicial da leitura e da escrita na escola, o que era e é preciso fazer, no meu entendimento, é uma virada nessa perspectiva: avançar de uma *história da alfabetização* para a *alfabetização na história*. Eu penso que é um pouco diferente: a alfabetização na história é uma perspectiva mais ampla, para além da escola, a compreensão do avanço do domínio e dos usos da leitura e da escrita em diferentes contextos e momentos da história brasileira. Eu procurei fazer isso em minhas últimas produções – entre os anos de 2020 e 2024 –, que foi investigar os processos de ensino e de aprendizado, ou aprendizados, da leitura e da escrita fora da escola, para além da escola, especialmente considerando a história brasileira e a história da educação brasileira, que especialmente no século XIX, se dá de diferentes formas, para além do espaço institucional, do espaço escolar. Talvez esse movimento da alfabetização, *da história da alfabetização* para uma *alfabetização na história*, eu tenha procurado compreender bem depois, com as reflexões e com os estudos realizados e com, enfim, os avanços da pesquisa nessa temática.

Mas em relação a essa fase inicial, dos mais de vinte anos da minha atuação no programa de Pós-Graduação, de 2001 até 2024 (embora tenha me aposentado em 2020, ainda permaneci orientando na Pós-graduação), eu posso dizer que eu trouxe para o campo da História da Educação, de alguma forma, inicialmente o tema da educação e relações de gênero, da história da

---

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Izabel Pereira (Org.). **História da Alfabetização**: produção, difusão e circulação de livros (MG, RS, MT, Séculos XIX e XX). 1ed. Belo Horizonte: CNPq/Fapemig/CEALE, 2006.

SCHWARTZ, Cleonara; PERES, Eliane; FRADE, Isabel Cristina Alves da S. (Org.). **Estudos de História da Alfabetização e da leitura na escola**. 1. ed. Vitória: Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, 2010.

profissão docente e das instituições educativas, da história da leitura e da escrita, e depois de uma forma mais consistente e contínua da história da alfabetização. Foi nessa última temática que orientei importantes dissertações de mestrado e teses de doutorado, em especial sobre a história da alfabetização em Pelotas, especialmente no século XX. Eu mesma realizei estudos sobre isso, nos quais foi possível investigar a produção de cartilhas no Rio Grande do Sul, as autoras gaúchas, os métodos de alfabetização e as propostas pedagógicas em circulação no estado, com ênfase para o século XX. Também acho que vale destacar a minha atuação, pelo menos por um período, no tema da Escola Nova e algumas pesquisas que eu fiz sobre a Escola Nova em Pelotas, inclusive considero que é um tema que precisa urgentemente ser retomado. E orientei também a iniciação científica, e sempre relacionada a Pós-Graduação, inclusive esse aspecto tem a ver com essa pergunta da relação entre ensino, pesquisa e extensão. Eu pesquisei e orientei a iniciação científica diretamente nesse tema da Escola Nova, lembrando que eu ministrava uma disciplina sobre essa temática no PPGE. Vale destacar que Pelotas foi um polo muito importante de difusão da Escola Nova, que a cidade teve uma das mais importantes sessões da Associação Brasileira de Educação, ABE, criada em 1924, no Rio de Janeiro, com uma atuação muito importante de intelectuais pelotenses, professores e professoras pelotenses. Eu considero que isso ainda merece mais estudos, e mais aprofundamentos, a busca de mais documentação, enfim, de mais dados. Penso que mesmo que eu tenha feito uma importante pesquisa e publicado artigos sobre a seção da ABE em Pelotas, não foi suficiente e não esgotou o tema. Eu considero bem marcante essa pesquisa que realizei, e também a disciplina que ministrei sobre a Escola Nova, em dois ou três semestres consecutivos, não foi muito tempo, mas foi uma disciplina que considerei bastante importante, porque justamente colocava no centro do debate não só a vertente norte-americana da Escola Nova, que é um foco de pesquisa bem forte no Brasil, com a influência de John Dewey, mas também a vertente, a origem da Escola Nova, digamos assim, que é a vertente europeia, com Adolfo Ferrière, Édouard Claparède, o Instituto Jean-Jacques Rousseau, em Genebra. De fato, por vezes, como pesquisadores e pesquisadoras, a gente vai abandonando alguns temas, e vai se dedicando a outros. Eu acho que esse é um pouco o movimento da

pesquisa, e de alguns pesquisadores e pesquisadoras, e essa sempre foi uma de minhas características: inserir novos temas e novas abordagens na pesquisa em História da Educação.

Mais especificamente em relação ao ensino, pesquisa e extensão na Pós-Graduação, eu penso que um programa de Pós-Graduação é o lugar apropriado para fazer essa articulação. Sempre considerei bastante importante essa articulação, embora sempre se faz algo com mais vigor e outras coisas com menos intensidade. Mas eu sempre procurei fazer um esforço de fazer essa articulação, e a Pós-Graduação permite isso, é uma retroalimentação: na medida em que se faz pesquisa, vai-se levando isso para a sala de aula, para o ensino, não só para a Pós-Graduação, mas também para a graduação. Para mim isso era muito importante, eu senti, na minha trajetória docente, muita diferença entre ser uma pesquisadora-professora, uma professora-pesquisadora, porque observei que essa relação e esse trabalho no tripé pesquisa-ensino-extensão trazem, assim, mais vigor, mais movimento, mais ideias e qualidade para o trabalho docente no ensino superior. Eu avalio que me tornei outra professora quando me tornei pesquisadora, tanto na Pós-Graduação, quanto na graduação. Estar nesse lugar de orientadora, nesse lugar de professora de Pós-Graduação, é muito importante para a docência na graduação. Eu penso que professores e professoras do ensino superior têm que refletir muito e prestar muita atenção nisso, a graduação não é secundária, ela nunca foi secundária para mim, ela sempre foi muito revigorada e renovada justamente pelas pesquisas, pelas novas ideias e reflexões que as pesquisas permitem. Assim como a extensão, eu sempre procurei primeiro estar mais vinculada à escola, por exemplo, com a formação continuada de professoras na escola, depois também com um trabalho com literatura para crianças. Esse foi um trabalho de extensão que gostei bastante de fazer na minha trajetória docente, e isso vinha, de alguma forma, muito associada à pesquisa, aos estudos e aos trabalhos que eu fui orientando, que eu fui, enfim, construindo junto com orientandos e orientandas e com as disciplinas que ministrava na graduação. Então, para finalizar, eu sempre considerei essa articulação bastante importante, ensino, pesquisa e extensão. Quando se fala de ensino, está se falando de ensino da graduação e da Pós-Graduação. Quando se fala em pesquisa, está se considerando nossas pesquisas, da nossa condição de

pesquisadora, das pesquisas dos orientandos e orientandas do mestrado e do doutorado, e as pesquisas de iniciação científica, que são muito importantes. Trata-se de um somatório de esforços que fazem o conhecimento avançar e qualificam o ensino e a extensão. E sem dúvida que isso vai se refletir também na extensão, porque leva-se para a comunidade, na verdade, aquilo que se está estudando e tentando compreender de forma aprofundada, científica, aquilo que os orientandos e orientandas estão abordando nas investigações, e isso também vai ter um retorno, de alguma forma, em nossas aulas e também em nossas pesquisas. Então, essa relação é muito importante, e tem que ser considerada sempre em nosso trabalho na Universidade. Não são aspectos isolados. Ensino-pesquisa-extensão são de fato um tripé sob o qual se alicerça a docência no ensino superior.

**Lisiane Manke:** No ano de 2006, você criou o grupo de pesquisa Hisales – História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares –, que posteriormente constituiu-se também em Centro de Memória, um importante legado que você outorgou à comunidade acadêmica, para além dos muros da UFPel. Dentre as três linhas de pesquisa do Hisales, destacamos o Eixo 2 – Práticas escolares e não-escolares de leitura e escrita. Nós, eu e Vania, temos nossas trajetórias acadêmicas muito vinculadas a esta linha de pesquisa, que nos é muito cara. Você poderia comentar, de modo geral, sobre o conjunto de pesquisas desenvolvidas neste eixo?

**Eliane Peres:** Gostaria de comentar sobre esse eixo e de modo geral sobre a constituição e o trabalho de mais de quinze anos de ensino, pesquisa e extensão feito no Hisales. No modo geral, para mim, é muito comovente falar do Hisales, porque ele é, na verdade, a expressão viva de tudo que eu acredito em termos de universidade, especialmente sobre universidade pública, gratuita e de qualidade e dos sentidos da universidade nos contextos em que elas existem. Ele expressa tudo que eu penso sobre fazer pesquisa, sobre ser pesquisador e pesquisadora. Então, para mim, é um aspecto muito importante na minha trajetória, de muita emoção e entusiasmo, falar sobre isso.

Quando eu cheguei, em 2001, de volta do meu doutoramento, eu tinha um grande desejo de fazer um espaço de pesquisa. Se falava muito

incipientemente ainda sobre grupos de pesquisa, isso veio fortemente depois, inclusive com a exigência do CNPQ da organização dos pesquisadores e pesquisadoras em grupos. Mas eu tinha um desejo muito grande, não de fazer uma coisa grandiosa, mas de fazer um espaço com materiais de pesquisa, com documentação escolar, com acervos. Eu tive, ao longo da minha formação como pesquisadora, uma boa experiência em acervos, em arquivos, em bibliotecas, tanto durante o curso de mestrado quanto do doutorado. E o meu doutorado tinha sido bastante difícil em termos de localização de fontes. Eu tive que ir a arquivos, no chamado Arquivo Morto, em muitas escolas de Pelotas e da região. Eu tive que ir em busca da legislação em arquivos e acervos em Porto Alegre. Então foi um momento muito difícil de obtenção de documentação para a pesquisa em História da Educação, para a história da escola primária, que era o meu foco de investigação do doutoramento. Aliás, desde o curso de mestrado, quando eu estudei a instrução primária de trabalhadores em Pelotas, os cursos noturnos da Biblioteca Pública Pelotense, eu foquei as investigações na história da instrução primária no Rio Grande do Sul. Daí a experiência em pesquisa documental e o desejo de constituir algum acervo na Universidade. Sempre entendi, também, que esse era um compromisso social e político da universidade pública. Então, eu tinha muito esse desejo, mas eu não tinha muito claro como fazer isso. Eu tive, também durante o curso de doutorado, a experiência de atuar no CEALE, na UFMG, que é um grande centro de pesquisa e de formação docente e lá eu tinha visto a importância de acervos para pesquisa, no caso deles, específico de livros didáticos. Então, no meu retorno do doutorado, aqui na UFPel, eu contribuí com a criação CEIHE, que hoje também é um centro importante de documentação histórica. Mas eu tinha um interesse em questões mais específicas, que era justamente criar condições para alavancar a pesquisa no campo da leitura e da escrita, da história da alfabetização. Tanto o ensino inicial da leitura e da escrita na escola, que é o tema no qual eu centrei meus estudos, pelo menos por mais de 20 anos, e de um modo mais amplo os estudos sobre a cultura escrita, que é essa referência que vocês fazem ao eixo 2 do Hsiales, nos quais temas como Culturas do escrito, Escritas ordinárias, Escritas pessoais e familiares, História das práticas de leitura, Leituras e leitores em meios rurais e urbanos, Leitura literária são alguns dos focos de

investigação. O Hisales, então, foi criado nessa perspectiva de constituir acervos para fazer a história da escola primária, da alfabetização, da cultura escrita; da necessidade de ter um local adequado de pesquisa e de formação de jovens pesquisadores, de acesso livre e gratuito à documentação histórica. Isso me era muito caro, sempre me foi muito caro. E eu estava muito mobilizada, em 2006, justamente com a pesquisa das cartilhas escolares que referi e considerava que precisava reunir esse material, mas eu não avaliava, eu não pensava naquele momento que o Hisales iria tomar essa proporção que ele tomou hoje. A comunidade acadêmica e a comunidade local reconhecem o Hisales como um dos mais importantes centros de pesquisa, de memória, com reconhecimento internacional inclusive. Não foi um trabalho solitário, pelo contrário, foi um trabalho coletivo, um trabalho de muitas mãos, está aí a professora Vania<sup>5</sup> dando continuidade, a professora Chris Ramil, que foram minhas orientandas, e tantas outras pessoas que ajudaram a construir o Hisales. Quando eu organizei os três eixos de investigação sob o qual se assentariam as pesquisas do Hisales, pensei muito naquilo que eu estava pesquisando, que é o eixo 1, história da alfabetização e da escolarização primária, que é na verdade a minha trajetória e o meu foco de pesquisa. E pensei naqueles que estavam vindo, e daí eu acho que os estudos, tanto o teu, Lisiane<sup>6</sup>, quanto o da Vania<sup>7</sup>, eles são exemplares nessa força que o eixo 2 de investigação tem no Hisales e na Pós-Graduação. Os estudos de vocês são referência no Brasil e fora do Brasil, e têm a ver também com a minha formação como pesquisadora. Na UFMG eu tive uma formação muito ampliada no doutorado e também muito vinculada a esse debate da importância da alfabetização, leitura e escrita na constituição das sociedades.

Eu fui aluna de Magda Soares, que naquele momento do doutorado, entre 1997 e 2000, discutia não só a questão da alfabetização especificamente

---

<sup>5</sup> Atualmente a coordenação do Centro de memória e pesquisa Hisales está a cargo da professora Dra. Vania Grim Thies e da professora Dra. Chris de Azevedo Ramil.

<sup>6</sup> MANKE, Lisiane Sias. **História e Sociologia das práticas de leitura**: a trajetória de seis leitores oriundos do meio rural. 2012, 234 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas/UFPel. Pelotas. 2012.

<sup>7</sup> THIES, Vania Grim. **O autor-criador e o(s) outro(s)**: a estética da vida na escrita de diários de irmãos agricultores. 2013, 179 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas/UFPel. Pelotas. 2013.

– às vezes as pessoas pensam que a professora Magda só se dedicou a isso, mas os estudos e os debates dela no PPGE da UFMG eram muito mais amplos. Nas disciplinas que ela ministrava estudávamos Eric A. Havelock, Walter Ong, estudávamos esses autores que analisam o impacto da escrita na humanidade de modo geral, na passagem da oralidade para a escrita, isso era um tema muito caro lá na UFMG, muito importante. Eu estudei isso com a professora Magda; estudei com o professor Antônio Augusto Gomes Batista, que à época nos apresentou a sociologia da leitura, Roger Chartier, Bernard Lahire, como autores importantes no campo da História da Leitura, trazia às aulas e aos seminários outros tantos autores franceses do campo da História da Leitura. Foi lá também que eu conheci a produção da Michele Petit, que também é uma contribuição importante para o campo, que eu trouxe para o debate aqui, para o campo da pesquisa em práticas de leitura no Programa de Pós-Graduação em Educação.

E é preciso mencionar também o terceiro eixo de pesquisa do Hisales, que é o dos livros didáticos, que também é algo que eu aprendi na minha formação, no doutoramento lá na UFMG, lá com esses professores que eu citei e tantos outros, fui vendo a importância, por exemplo, dos estudos sobre o PNLD, desde a sua origem, em 1985, e a centralidade que esses estudos tiveram e tem lá na UFMG. Em função do projeto de pesquisa das cartilhas escolares que referi, quando eu fui me aproximando mais especificamente dos livros para o ensino da leitura e da escrita, mais fui me dando por conta de uma produção muito ampla. No caso do Rio Grande do Sul, como um polo importante de produção de livros didáticos, com autoras muito relevantes, significativas, que depois vai se consolidar no PPGE com os estudos da professora Chris Ramil<sup>8</sup>, do professor Antônio Maurício Medeiros Alves<sup>9</sup>, no

<sup>8</sup> RAMIL, Chris de Azevedo. **A coleção didática Tapete Verde**: do projeto à sua produção gráfica (década de 1970 – Rio Grande do Sul). 2013. 223 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Pelotas, 2013.

RAMIL, Chris de Azevedo. **A iconografia e a iconologia nos livros didáticos das Edições Tabajara**: um estudo das imagens na Coleção Guri (Rio Grande do Sul, década de 1960). 2018. 398 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Pelotas, 2018.

<sup>9</sup> ALVES, Antônio Maurício Medeiros. **A Matemática Moderna no ensino primário gaúcho (1960-1978)**: uma análise das coleções de livros didáticos Estrada Iluminada e Nossa Terra Nossa Gente. 2013. 320 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Pelotas, 2013.

campo da Matemática, do professor Dione Lihtnov<sup>10</sup> sobre os livros didáticos gaúchos de Geografia, entre outros.

Esses três eixos têm a ver com isso, com a minha trajetória como pesquisadora, com os meus interesses de investigação, mas eles têm relação também com um campo bem mais amplo de pesquisa, que de alguma forma estão articulados, que é o campo da Cultura Escrita, dos Livros Didáticos, da História da Leitura, sob forte influência de Roger Chartier, autor que eu já tinha explorado em minha tese de doutoramento. Em minha tese abordei esse aspecto e esse autor ao estudar a escola primária no Rio Grande do Sul, a importância do ensino inicial da leitura e da escrita, a circulação e a produção dos livros didáticos para a escola gaúcha, fui me dando por conta de vários aspectos que se articularam ao longo da implantação e consolidação da escola pública primária gaúcha. Dessas experiências todas fui constituindo esses três eixos, também muito atenta aos interesses de mestrandos e doutorandos, por exemplo, os próprios estudos de vocês, que vêm de uma realidade muito específica, que é a realidade do campo, da zona rural, vocês trazem essa experiência como experiência de vida, vocês estão atentas a práticas de leitura e escrita nesses espaços e de alguma forma eu incentivei que estudassem esses sujeitos e essas práticas.

Considero que esse é um movimento importante de um bom orientador ou orientadora e de um bom programa de pós-graduação, independente da área, é estar atento às demandas sociais, aos interesses das pessoas, às necessidades da pesquisa, porque eu costumo dizer assim que a pesquisa é vida, ela nasce de uma problemática que a gente percebe e tenta compreender melhor; nasce da indignação, da perplexidade, do questionamento, das reflexões do cotidiano. A pesquisa nunca pode ser de uma via só, ou seja, decorrente somente do interesse e dos projetos específicos de orientadores e orientadoras.

---

ALVES, Antônio Maurício Medeiros. **Livro didático de matemática: uma abordagem histórica (1943-1995)**. 2005. 178 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Pelotas, 2005.

<sup>10</sup> LIHTNOV, Dione Dutra. **A Geografia em livros didáticos no Estado do Rio Grande do Sul (1900-1980)**. 2022. 212 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Pelotas, 2022.

Enfim, penso que as contribuições desse eixo 2 de pesquisa do Hisales, Práticas escolares e não-escolares de leitura e escrita, são imensas, elas são imensas para a comunidade local, para o programa de Pós-Graduação em Educação, para as pessoas que foram pesquisadas, para o mundo acadêmico, para pesquisa nacional e internacional.

Eu penso que os estudos sobre práticas de leitura e escrita, sobre história da cultura escrita e os estudos especificamente que vocês fizeram, primeiro trazem novos personagens para o mundo acadêmico, analisa essas práticas de forma diferenciadas, olha para além da escola e procura compreender o que diferentes sujeitos, ou como alguns autores dizem, entre aspas, “pessoas comuns”, fazem com a leitura e com a escrita no seu cotidiano, na sua vida. Não por acaso os estudos de vocês, os dois estudos, tanto da Vania sobre práticas de escrita de agricultores, quanto o teu, Lisiane, sobre práticas de leitura no meio rural, tiveram tanto impacto e uma recepção tão boa no universo acadêmico, porque além de terem muita qualidade, uma densa discussão teórica, abordam um universo ainda pouco estudado e pesquisado. E isso é uma coisa que eu aprendi lá na UFMG, na minha formação, ou seja, a importância dos processos da alfabetização, da leitura na escola, da leitura literária na escola, mas também é necessário compreender cientificamente esses outros modos de operar com a leitura e com a escrita no cotidiano, na vida, no âmbito doméstico e em outras instituições, religiosas, associativas, cooperativas, filantrópicas. A universidade não pode ser um espaço separado do mundo real, da vida cotidiana. E penso que uma contribuição bastante importante dos estudos de vocês é justamente, então, em primeiro lugar, essas pessoas, esses grupos sociais, se reconhecerem na universidade, o universo acadêmico se revigora com a entrada desses novos sujeitos, dessas novas práticas culturais. Ampliamos muito a compreensão sobre a educação, a escolarização (ou a falta dela) sobre a leitura, a escrita, quando e se fizermos esses estudos. Então, para além da contribuição acadêmica e do reconhecimento acadêmico que mencionei, a abertura para novos temas, para novos grupos, para novos sujeitos, há um outro movimento importante: esses grupos passam a se enxergar na universidade, se sentem reconhecidos e valorizados. Eles não são apenas objetos de pesquisa, mas sujeitos sociais que renovam nossa compreensão das práticas culturais e do

papel da escola e de outros espaços educativos. Esse é um movimento muito bonito, muito importante. Além disso, os estudos de vocês contribuíram para a renovação teórica do campo de estudos, quando trouxeram autores como Bernardo Lahire, e a metodologia da sociologia em escala individual; o Mikhail Bakhtin, especialmente ancorado no pressuposto do ato ético e responsável como interação possível entre os dois mundos: mundo da vida e mundo da teoria. Então, essas abordagens também inovaram, contribuíram na construção de novos referenciais, de novos objetos de pesquisa. Isso vai repercutindo depois, hoje vocês são orientadoras em programas de Pós-Graduação, então como pesquisadoras e orientadoras, esses temas, esses autores, esses grupos, esses sujeitos ganham mais e mais espaço no universo da pesquisa acadêmica. Essa questão da continuidade, da renovação, da ampliação do movimento da pesquisa que se renova, se amplia, se consolida, isso é importante, essa é a ideia.

**Vania Grim Thies:** As questões que se referem a literatura, história e educação foram bastante visitadas em suas pesquisas e práticas acadêmicas. Podemos considerar a pesquisa sobre Cora Coralina, sobre o clássico conto A Bela e a Fera, bem como a criação de projetos de extensão que viabilizaram o acesso aos livros literários, a exemplo do projeto Estação do Livro, isso para citar apenas alguns exemplos. Na sua compreensão, qual seria o papel das práticas de leitura literária para o letramento e a formação social, cultural e histórica dos indivíduos? Há desafios a serem enfrentados neste sentido pelas instituições escolares?

**Eliane Peres:** Essa é uma pergunta difícil e complexa. Eu considero que há vários pesquisadores e pesquisadoras estudando, certamente melhor do que eu, os aspectos da leitura literária na escola. De qualquer forma, eu posso falar a partir de alguns projetos de extensão e também a partir de algumas dissertações de mestrado e teses de doutorado que orientei. O que esses estudos nos mostram? Primeiro que as crianças e os jovens gostam de ler. Talvez eles não gostem de ler aquilo que a escola demanda, mas eles gostam de ler, eles têm práticas diferenciadas de leitura, eles leem em diferentes suportes, esses suportes coexistem nas práticas de leituras hoje. Os estudos

feitos no PPGE e no Hisales mostram que leitura literária está presente em diferentes espaços escolares, que há professores e professoras muito cientes da importância da leitura literária no espaço escolar. E que a leitura literária não é algo só para ocupar tempos ociosos na escola. Eu penso que há hoje no Brasil um movimento importante para garantir o direito à leitura literária na escola. O PNAIC foi muito importante nesse sentido, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, que trouxe esse debate da leitura deleite, que é bastante controverso, que não é algo pacífico e tranquilo, mas, de qualquer forma, eu considero que esse Programa trouxe, especialmente para as escolas de anos iniciais, mais fortemente esse tema, esse debate, a importância dessas práticas no cotidiano da sala de aula.

Eu sempre considerei, e eu também escrevi sobre isso, a leitura literária como a possibilidade da construção de referenciais de empatia, de solidariedade, de reflexão, de amorosidade – embora as pessoas tenham dificuldade com essa palavra, é um conceito importante no campo da educação, inclusive na obra de Paulo Freire, o da amorosidade –, do reconhecimento do outro, do reconhecimento das problemáticas sociais, postas em um outro ponto de vista, do ponto de vista simbólico, pela arte, que é a literatura. A literatura é a arte da palavra, sempre considerei a leitura literária nessa perspectiva. Sempre trabalhei com a literatura como um compromisso ético e estético da escola e dos docentes, como a possibilidade de as crianças, jovens e adultos construir referenciais para pensar a sua própria condição, a sua vida e o seu entorno, o mundo e suas contradições. A literatura como algo fundamental na formação do ser humano, desde sempre. A arte de narrar é a arte mais antiga da humanidade, a arte de contar, a arte de inventar, a arte de criar situações, vivências, experiências, enfim, é isso, é constitutivo do ser humano.

Essa possibilidade de compreender o mundo pela literatura não pode ser negada na escola, não pode ser negada às crianças, aos jovens, aos adultos. Não penso que a literatura seja redentora, nem salvacionista, nem se pode considerar nessa perspectiva, ela não resolve os problemas do mundo ou das pessoas. A Michele Petit aborda isso muito claramente em seus estudos, as possibilidades concretas da leitura literária e também os limites da leitura literária. Mas ela – que trabalha com jovens em situação de vulnerabilidade

social, no espaço francês e outros espaços europeus que ela pesquisa e atua, com jovens imigrantes, com jovens de baixa renda –, mostra como a literatura pode acolher, como que pode ser um espaço de reconhecimento de si e do Outro, como pode ser um espaço de identidade, de conforto, de reflexão e entendimento. E nós identificamos isso nas pesquisas realizadas em projetos de extensão, tanto a Estação do Livro, quando as pessoas procuravam livros, como as pessoas procuravam livros que lhes interessavam e que tinha a ver com o seu momento de vida, com as suas experiências, com suas histórias, desejos e interesses. E também nos momentos de leitura literária com as crianças, especialmente em um projeto de extensão que propomos lá na comunidade próxima ao Campus Anglo. As crianças nos esperavam, a comunidade nos aguardava, nos recebia, e quanto aquele era um momento de acolhimento. Tanto que as mães participavam, um momento que eles gostavam bastante, que eles viviam intensamente, aquele contato com o livro. E eu sempre fui uma defensora do contato com o livro, que é um direito universal, o Antônio Candido já trabalhou isso em um texto belíssimo “O direito à literatura”. Eu também sempre trabalhei nessa perspectiva, inclusive no curso de graduação em Pedagogia, a literatura como um direito humano, aprender a ler e escrever como um direito, o acesso ao livro e à leitura literária como um direito.

Mas ao falar disso, eu não posso deixar de mencionar a minha experiência no Pós-Doutorado dos Estados Unidos, em 2012, e a experiência de pesquisa e inserção nas escolas, em 2018, quando fui contemplada com Bolsa de Pesquisa da Fulbright. Eu fui para Illinois, em um primeiro momento, na Universidade de Illinois, em Urbana-Champaign, para pesquisar os livros didáticos, porque há uma vinculação entre a produção dos livros didáticos gaúchos e a produção norte-americana, em função dos projetos do governo brasileiro com o governo norte-americano entre os anos de 1960 e 1970, mas eu fui muito mobilizada também para ver as práticas de leitura e escrita na escola e nas comunidades. Quando eu voltei dos Estados Unidos, eu compartilhei aqui, em muitos espaços, as muitas experiências de leitura literária que acompanhei lá, como, por exemplo, a Pet terapia, a leitura com e para cachorros, a leitura com e para pôneis, leitura literária para bebês, entre tantas outras. Eu acompanhei muito essas práticas de leituras na escola e fora dela.

Quando voltei dos Estados Unidos, eu tinha vários aspectos dessa problemática muito presente, sobre a qual eu falei bastante e praticamente não escrevi, que é a perspectiva do letramento social, do letramento comunitário e do letramento escolar. Eu me dei por conta que uma sociedade, e especialmente a sociedade brasileira, precisa ampliar a compreensão das práticas de leitura; e que nós, no mundo acadêmico, temos esse compromisso, de ampliar não só o conceito de letramento, que é um conceito bastante discutido no Brasil, com diferentes perspectivas, bastante controverso, mas discutir e propor experiências práticas. O que eu considerei naquele momento era o letramento social como a base cultural sobre a qual se assenta uma sociedade leitora. Então é para além da escola, é para além dos espaços familiares, ele é muito para além disso. O letramento social supõe compreender que a cultura de modo geral, em um sentido bem amplo, e a cultura literária, em específico, precisa ser a base de uma sociedade, precisa estar no cerne de um projeto político nacional, de construção de nação mesmo. De novo, a literatura não salva, ela não resolve os problemas da humanidade, os problemas sociais são muito mais amplos e profundos e requer ações muito mais radicais, mas de qualquer forma, eu sempre tive presente isso, que a formação leitora precisa ser um projeto nacional, um projeto social, precisa estar vinculado à proposta de nação.

Eu não estou dizendo com isso que os Estados Unidos fazem isso, mas que estar lá e ver a importância das bibliotecas públicas, das bibliotecas comunitárias, dos projetos comunitários, das bibliotecas escolares e das práticas de leituras literárias na escola, como eu vi e analisei, me permitiu construir essa ideia de que o letramento social é fundamental.

Uma outra perspectiva que passei a discutir era o do letramento comunitário, isto é, ver como que as comunidades, entendidas como as municipalidades, as ONGs, diferentes instituições, como, por exemplo, Read Across America, que é um movimento muito antigo e nacional nos Estados Unidos, propunham e executavam ações de leituras literárias e como as comunidades, famílias, escolas, igrejas se articulavam a esses projetos.

E, por fim, o letramento escolar, que é a perspectiva mais discutida no Brasil, que é essa ideia da importância do livro literário, das bibliotecas e dos acervos nas escolas e nas salas de aulas. E aí entramos na parte final da

pergunta, que é quais são os desafios. Os desafios são imensos. O Brasil ainda não é um país leitor, não porque as pessoas não querem ler. Isso não é verdade como o senso comum avalia, que os jovens só se interessam pelos aparelhos eletrônicos, pela internet, pelas mídias. É porque, de fato, o livro é um bem de consumo muito caro no Brasil, ainda de acesso restrito, privilégio de um grupo social. Então novamente temos que lembrar que as condições culturais estão associadas à condição social, à condição econômica. Nunca é demais afirmar as condições de desigualdades sociais no Brasil. Quais são então os desafios a serem enfrentados? Primeiro, é preciso construir bibliotecas públicas que de fato sejam públicas, abertas ao público, com projetos abertos ao público de todas as idades e condições. Além disso, é urgente que tenhamos bibliotecas escolares bem estruturadas, com profissionais adequados. Não é a professora em desvio de função que vai cuidar da biblioteca. A biblioteca não é um bem privado, os livros não são bens privados que as professoras fecham em armários porque dizem que as crianças estragam. O desafio maior é construir uma sociedade leitora com uma ampliação da ideia e do conceito de leitura, de escrita, e de prover as escolas tanto de acervos, quanto de bibliotecas que de fato funcionem como espaço pedagógico, espaço educativo, espaço de educação literária. Penso que avançamos nos últimos anos no Brasil, com vários programas de livros literários, mas ainda é pouco.

**Lisiane Sias Manke:** Você publicou recentemente dois livros. O livro “Como Marias aprendem a ler? Mulheres e aprendizados da leitura e da escrita (séculos XIX e XX)”, que trata da trajetória de mulheres negras que aprenderam a ler e escrever em condições adversas. E o livro “Cartas para o futuro: aspectos do cotidiano da educação e da infância no Brasil (1822-1922)”, uma obra que se diferencia pela narrativa ficcional, em forma de cartas, com base em notícias de jornais. Você poderia falar sobre estas obras considerando o processo de produção e as contribuições que trazem à História da Educação, em especial, às pesquisas que tratam das culturas do escrito?

**Eliane Peres:** Em 2020, como vocês sabem, eu me aposentei, mas achava que não tinha dado ainda todas as minhas contribuições possíveis, que faltava

alguma coisa. Tinha algo que me movia, algo que me intrigava, algo que me motivava fortemente em relação as práticas sociais de leitura e escrita e do ensino dessas competências ao longo da história brasileira. Eu sempre fui uma pessoa muito apaixonada pela pesquisa, sempre foi mobilizadora da minha vida, porque eu sempre considerei isso, a pesquisa como olhar para a sociedade e tentar compreender o mundo real. Então isso estava muito articulado com meus sentimentos, com meu viver e com a compreensão que tenho da pesquisa. E pensava que em relação à leitura e à escrita, sob a perspectiva histórica, tinha algo mais a ser dito e pesquisado, como considero que ainda tem. Eu sempre fui muito atenta aos relatos de aprendizado da leitura e da escrita. E os dados e os relatos das práticas de leitura e escrita me mostravam que as pessoas que viviam em melhores condições sociais, familiares e econômicas eram aquelas que deixavam mais rastros, falando em termos de passado da leitura e da escrita. E isso me mobilizava bastante, eu pensava assim: mas e as pessoas em condições menos favoráveis, mulheres, escravizados, populações negras, populações subjugadas? A literatura também me mobilizava para pensar isso. Eu estava muito tocada pela leitura de autoras como Alice Walker, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, a própria obra de Cora Coralina, que eu estudei, eu pensava: como a literatura pode expressar processos de aprendizagens da leitura e da escrita e da importância dessas práticas na vida das pessoas de uma forma tão potente? Como fazer isso na pesquisa acadêmica? E pensava: como e onde vou achar esses dados? Embora tivéssemos muito material no Hisales, embora eu tivesse muita experiência de arquivos, em diferentes lugares (Porto Alegre, Belo Horizonte, escolas, Portugal, Estados Unidos) eu pensava como e onde localizar dados sobre aprendizado e práticas de leitura das populações socialmente excluídas? Esses dados são inexistentes? Como encontrá-los? Sempre tinha essas interrogações e elas se acentuaram nos últimos anos.

E a minha aposentadoria coincidiu com a pandemia em que todos nós tivemos essa experiência traumática de ficarmos trancados em casa. E eu comecei a fazer uma experiência que até então eu tinha muito pouca, muito limitada, que era a pesquisa em arquivos virtuais, mais especificamente na Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Ao pensar em abordar ensino e aprendizados da leitura e da escrita entre os excluídos pensei primeiro, para o caso do século XIX, nos escravizados e escravizadas. E comecei a pesquisa que resultou o livro *Como Marias aprenderam a ler?*<sup>11</sup> por algo já bastante presentes na historiografia, que são os anúncios de fuga, de compra, de venda de escravizados, nos quais aparecia a indicação “sabe ler e escrever”, isso foi me chamando atenção, e a partir dali eu fui construindo os primeiros referenciais de análise. Então, para entender o domínio da leitura e da escrita entre a população escravizada (a historiografia já identificava escravizados que sabiam ler e escrever), eu fiz esse movimento. Mas eu queria ir para além disso, considerava que era preciso identificar, descrever e analisar, como, onde e com quem escravizados aprendiam a ler e escrever. Isso nos remetia para fora da escola, provavelmente nos remetia para outras práticas de leitura e da escrita, para outros espaços, para outros suportes, enfim, para outras práticas. Eu penso que com os dados que eu obtive eu consegui mostrar esses aspectos do como, onde e com quem alguns escravizados aprendiam a ler e a escrever. Os dados revelaram a presença dos jesuítas, que foram grandes proprietários de escravizados, de professoras ou de senhoras, dispostas a ensinar parte dessa população a ler e escrever, a educação doméstica, enfim, uma série de práticas e de grupos e de sujeitos envolvidos nesse processo e esse foi o começo desse livro.

Em alguns artigos anteriores ao livro, abordei primeiro os escravizados, homens, e depois, no livro, as mulheres escravizadas, que é algo mais complicado e mais difícil de analisar, porque o aprendizado da leitura e da escrita entre os escravizados está muito associada ao aprendizado dos ofícios, do trabalho. Era o caso, por exemplo, de ferreiros, sapateiros, tipógrafos que ao aprender o seu ofício, aprendiam a ler e escrever; e as mulheres que viviam no espaço doméstico fundamentalmente, como aprendiam? Então, foi passo a passo esse processo de construir dados que revelassem isso. No caso das mulheres escravizadas foi muito mais difícil de compreender seus processos de apropriação da leitura e da escrita, porque foi preciso entrar no âmbito doméstico especificamente.

---

<sup>11</sup> PERES, Eliane. **Como Marias aprendem a ler?** Mulheres e aprendizados da leitura e da escrita. Curitiba/PR: CRV Editora, 2021.

Eu tinha muito presente também a obra de Carolina Maria de Jesus, especialmente o Diário de Bitita e o Quarto de Despejo, onde ela, neta de escravizados, com pouca escolaridade, relata, em suas obras essa relação com os dois anos de escolaridade que ela teve e com os usos da leitura da escrita e os sentidos da leitura da escrita na sua vida. Abordei, portanto, em uma perspectiva biográfica a relação da Carolina Maria de Jesus com a leitura e a escrita.

E por fim, que para mim foi uma grande surpresa, é a história da Maria Clotilde de Jesus, que o acesso à Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional me permitiu analisar. O primeiro dado que encontrei foi uma crônica do Carlos Drummond de Andrade sobre Maria Clotilde de Jesus, em que ele narra que a encontrou, que ela escrevia, que era a velinha do Drops, como ele denominou, e depois se tornou a Vovó escritora ou a Velhinha escritora, como ela queria ser reconhecida. A história da Maria Clotilde é para mim muito emocionante, muito tocante. Eu considero uma contribuição muito importante que eu consegui fazer; sinto-me muito honrada em poder contar a história da Maria Clotilde de Jesus, e ela é o exemplo que a persistência da pesquisa, que o olhar cuidadoso, acurado, a empatia, a intuição e, acima de tudo, a persistência é muito importante na investigação histórica, porque eu jamais imaginei encontrar uma história como a dela. Ela é uma história singular, uma história única, uma história que mostra a complexidade dos processos de aprendizado da leitura e da escrita, do ensino da leitura e da escrita e dos usos que as pessoas fazem da leitura e da escrita, além de possibilitar perceber o que a leitura e a escrita fazem com a vida das pessoas, vide o exemplo de Maria Clotilde de Jesus, uma mulher negra, que começou a escrever contos infantis aos 78 anos, filha de escravizados, de uma das regiões cafeeiras mais ricas do Brasil, o interior do Rio de Janeiro, que nasceu em Barra do Piraí, em 1875, uma mulher que aprende a ler, ou com a proprietária da sua mãe escravizada, ou com uma outra escravizada – aparecem os dois aspectos nos dados localizados – e que vai viver uma vida de extrema pobreza, uma velhice de extrema dificuldade, vendendo balas, Drops, na Cinelândia, que decidiu escrever contos para crianças e publicou um livro sob o auspício de Carlos Drummond de Andrade e de José Lins do Rego. Para mim narrar essa história

é um exemplo da persistência da pesquisa, dessas histórias singulares, do inimaginável nas práticas de leitura e escrita.

Enfatizo o quanto os dados e o quanto a pesquisa podem revelar se persistimos, por que a partir de uma crônica de Carlos Drummond de Andrade, que citava o caso de Maria Clotilde, a partir do nome dela, é que encontrei as notícias sobre ela, os relatos, as entrevistas, as fotografias, depois fui atrás do livro que Maria Clotilde publicou e encontrei a venda, surpreendentemente em um sebo de Pelotas. Então, eu sou muito satisfeita com o livro que escrevi, mas penso que há muito mais a ser pesquisado nessa perspectiva, isso é apenas um exemplo das possibilidades de olhar para o passado e de olhar para essas populações excluídas, subjugadas, discriminadas, o quanto elas fizeram usos importantes, interessantes, diferenciados, plurais da leitura e da escrita. O livro foi o coroamento da minha trajetória e desse movimento que considero fundamental no Brasil, que é de uma História da Alfabetização para uma Alfabetização na História, ou seja, os estudos para além da escola, para além das práticas escolares, das cartilhas. Para entender esse processo, da queda do analfabetismo no Brasil, tão bem abordado pelo professor Alceu Ferraro em seus textos, e o crescimento da alfabetização entre as populações é preciso estudar o crescimento da escolarização, a história da escola, mas também abordar práticas que aconteceram fora da escola, em outros espaços e práticas educativas. Foi esse o esforço que eu tentei fazer no livro “Como Marias aprendem a ler?”.

O livro “Cartas para o futuro: aspectos do cotidiano da educação e da infância no Brasil (1822-1922)”<sup>12</sup> foi uma brincadeira, e brincar é coisa séria, uma grande ludicidade com os dados que eu dispunha dessa pesquisa para escrever o livro “Como as Marias aprendem a ler?”. Mas ele também é o resultado de uma preocupação que todo o formador ou a formadora de professores e professoras tem, e que eu ouço cada vez mais, que é a queixa de que os estudantes leem pouco, leem mal, não leem ou que tem dificuldades com os artigos acadêmicos, principalmente aqueles que estão no início da formação, nos semestres iniciais dos cursos. Foi então que pensei: se a literatura comove tanto, se a escrita literária consegue mostrar a realidade, de

---

<sup>12</sup> PERES, Eliane. **Cartas para o futuro: aspectos do cotidiano da educação e da infância no Brasil (1822-1922)**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2022.

forma tão impactante, tão clara e tão emotiva, nós também temos que conseguir fazer isso no mundo acadêmico. Nós precisamos fazer uma escrita que cativa as pessoas, uma escrita que as pessoas gostem de ler, uma escrita que os estudantes se identifiquem mais. Então havia o propósito e o desejo de escrever um texto que fosse acessível, que fosse agradável, que fosse desafiante, que fosse diferente. Além disso, eu estava muito impactada com os dados que eu tinha, porque quando se usa alguns descritores na pesquisa da Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional, vai-se capturando diferentes dados e eu fiz muito esse movimento de pesquisa, de mudar os descritores. O tempo todo eu mudava os descritores e eu chegava em outros dados, então eu tinha ali dados de crianças desaparecidas, de crianças roubadas, de escravizados muito pequenos, três, quatro, cinco anos, dados de comunidades sem escola, de falta de acesso à escola, de frequência à escola, entre outros. Eu tinha dados diferentes, de queixas de professores e professoras das condições precárias das escolas, matérias jornalísticas dos chamados meninos de rua, à época, reclamando o direito de estudar, e eu pensava: eu preciso disponibilizar esses dados, eu preciso falar sobre eles. Eles indicam aspectos da escolarização ou falta de escolarização, eles falam sobre Educação no Brasil, sobre falta de Educação no Brasil e eles ajudam a compreender a infância brasileira do passado, que é uma área tão importante de estudos no Brasil. Eu pensei que precisava escrever algo abordando e analisando esses dados.

No processo de escrita foi interessante por que eu não conseguia distinguir bem se eu era a narradora, se eu era a pesquisadora, se eu era a mulher das cartas e pensava muito: que mulher é essa que reconta aspectos da educação brasileira através de cartas? E eu não sabia muito distinguir isso, eu queria disponibilizar os dados e escrever um texto em um outro gênero. Eu estava também bastante atenta aos livros sobre cartas, que é um gênero que eu gosto bastante, que eu leio frequentemente. Eu queria discutir a realidade educacional do século XIX e início do século XX, ou pelo menos nesses 100 anos do pós independência no Brasil com dados instigantes e que permitissem a reflexão. Então a escrita dessa obra foi um processo muito interessante, muito agradável, muito desafiador, mas que eu não sei se eu repetiria, porque ao mesmo tempo que foi um desafio, foi difícil. Mas a obra está aí e como toda obra é para ser usada como os leitores e leitoras consideram adequada. Agora

está no mundo. É isso. Espero que possa ser usado em processos de formação docente, tanto inicial quanto continuada.

**Vania Grim Thies:** O que dirias para o PPGE/FaE que, recentemente, celebrou 30 anos de pesquisa em Educação?

**Eliane Peres:** Primeiro eu quero agradecer pela deferência da entrevista. Fiquei feliz de ser lembrada, especialmente por vocês duas, que foram minhas orientandas e que são tão importantes na minha trajetória. Segundo, queria parabenizar o Programa por essas três décadas de serviços relevantes prestados à pesquisa acadêmica, ao mundo da educação e da escola. Como eu disse, eu me considero, talvez, uma segunda geração de professoras do PPGE. É preciso então celebrar aqueles que vieram antes de mim, antes da minha geração, dizer o quanto foi importante o trabalho deles. Eu sei que foi um trabalho muito árduo, eu estava fora nesse período, mas sei que foi um trabalho difícil, exigiu muito dos colegas, então, dizer o quanto somos devedores a essa geração que veio antes de nós na implantação do PPGE.

Gostaria de enfatizar o quanto nós, professores e professoras do Programa de Pós Graduação em Educação da UFPel somos reconhecidos na comunidade local, na comunidade educacional e na comunidade de pesquisadores nacional e internacional. Nós sempre fizemos pesquisa de muita qualidade, nós rivalizamos com as grandes universidades brasileiras e de fora do Brasil, e isso é muito bonito e gratificante. Como eu sempre participei de muitos congressos, seminários, eventos, foi gratificante perceber o quanto o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPel é reconhecido pela qualidade de suas pesquisas, pela inovação dos seus temas, pela inovação teórica. Dizer ainda que aquilo que sempre prezamos, que é o ensino público, gratuito, de qualidade, socialmente relevante, eu tenho certeza que nesses 30 anos, conseguimos, com um trabalho sério, respeitoso e comprometido. Eu sou muito grata por ter trabalhado mais de 20 anos no Programa. Sou muito grata sempre pela recepção que meu trabalho teve, pela abertura dos colegas das Linhas de Pesquisa em que atuei – como disse, eu trabalhei na Linha de História da Educação, depois nós criamos a Linha de Cultura Escrita, Linguagens e Aprendizagens. Então, penso que, resumidamente, é isso,

esses três aspectos: primeiro, agradeço pelo que pude ser, pelo que pude me constituir, como me constitui como pesquisadora, como professora, como pessoa atuando nesse Programa, e agradecer também pela entrevista, pela possibilidade de narrar alguns aspectos do trabalho que realizei; segundo, parabenizar pelo muito que esse Programa fez e faz pela educação e pela escola em nível local, nacional e internacional; e, por fim, terceiro, enfatizar a relevância social desse Programa no contexto de Pelotas, do Rio Grande do Sul, do Brasil e fora do Brasil, com certeza. E dizer que o desafio de vocês também é grande, das novas gerações, que continuem fazendo, que façam melhor do que nós fizemos, do que conseguimos fazer, que façam bem, que não percam de vista que pesquisa é sobre as vidas das pessoas, é sobre esse universo em que vivemos, é sobre os desafios que a gente vive. Saímos de uma pandemia, vivenciamos uma catástrofe climática, o que nos espera adiante ainda? São tantos os desafios, e a pesquisa e a Pós-Graduação precisam estar articuladas com tudo isso, precisam estar articuladas e ter o compromisso com os excluídos, ter compromisso com as populações vulneráveis, ter compromisso com aqueles que sofrem, trazê-los para a universidade. Há muito por fazer ainda pela educação, pela escola e pelos docentes e estudantes. Há muito a ser feito, mas tudo é muito gratificante. Ser professora é muito gratificante, ser pesquisadora é muito gratificante. Eu faria tudo novamente! Muito obrigada!

*Editor(a) responsável: Marta Nörnberg.*

*Recebido em: 01/06/2026.*

*Aceito em: 30/06/2026.*

### **Eliane Peres**

Doutora em Educação pela UFMG. Pós-Doutorado na University of Illinois at Urbana Champaign. Professora Titular aposentada da UFPel.

 [eteperes@gmail.com](mailto:eteperes@gmail.com)

 <http://lattes.cnpq.br/5179048135412088>

 <https://orcid.org/0000-0002-0160-1276>

### **Vania Grim Thies**

Doutora e Mestre em Educação (PPGE/FaE/UFPel), Pedagoga (UFPel). Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/FaE/UFPel)

 [vaniagrim@gmail.com.br](mailto:vaniagrim@gmail.com.br)

 <https://lattes.cnpq.br/2559006899606199>

 <https://orcid.org/0000-0002-6169-067X>

### **Lisiane Sias Manke**

Doutora e Mestre em Educação (PPGE/UFPel). Licenciada em História (UFPel). Professora do Departamento de História e do Programa da Pós-graduação em História (PPGH/UFPel)

 [lisianemanke@yahoo.com.br](mailto:lisianemanke@yahoo.com.br)

 <http://lattes.cnpq.br/6912448656987357>

 <https://orcid.org/0000-0001-5085-8791>